

**14091 - Os quintais produtivos como espaços educativos para a convivência com o semiárido: o caso da Agrovila Nova Esperança, Ouricuri/PE**

*Productives Homegardens as educational spaces for coexistence with the semiarid region: the case of Agrovila Nova Esperança, Ouricuri/PE*

OLIVEIRA, Isabel de Jesus<sup>1</sup>; AGUIAR, Maria Virginia de Almeida<sup>2</sup>

1 Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas (Caatinga), bel.agrovila@gmail.com; 2 Núcleo de Agroecologia e Campesinato; Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [mvirginia.aguiar@gmail.com](mailto:mvirginia.aguiar@gmail.com);

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar como e porque os quintais produtivos são considerados espaços educativos, capazes de gerar novos conhecimentos, agregar novos valores e mudar comportamentos entre as famílias agricultoras da Agrovila Nova Esperança, em Ouricuri/PE, partindo da proposta de educação para a convivência com o semiárido - Educação Contextualizada, com o apoio das organizações de assessoria aos agricultores familiares.

**Palavras-chave:** Educação Contextualizada; quintais produtivos; convivência com o semiárido.

**Abstract:** This work aims to analyze how and why the homegardens (“quintais produtivos”) are considered educational spaces, capable of generating new knowledge, adding new values and change behavior among the farm families of Agrovila Nova Esperança, em Ouricuri/PE starting with the education proposal of coexistence with the semiarid - Contextual Education, with the support of social organizations.

**Keywords:** Contextual Education; “productive homegardens”; coexistence with the semiarid;

### **Contexto**

Na Agrovila Nova Esperança, localizada no município de Ouricuri, no extremo oeste do estado de Pernambuco, no Sertão do Araripe, agricultores familiares mantêm atividades nos arredores de suas casas. Alguns destes espaços são manejados de forma convencional, mas outros são manejados orientados pelos princípios da Agroecologia. Localmente estes espaços são chamados de quintais produtivos.

Historicamente, os espaços mantidos nos arredores das casas por famílias agricultoras que vivem no semiárido pernambucano são locais onde ocorrem processos educativos através da socialização das crianças e jovens à partir do transmissão de conhecimentos de pais para filhos e entre parentes e vizinhos. Por outro lado, a implantação dos quintais produtivos na Agrovila são resultado de processos educativos não-formais e formais voltados para a sustentabilidade da atividade produtiva.

A Agrovila Nova Esperança é um reassentamento de agricultores familiares atingidos por barragem e teve início em 1986 em um contexto de luta pela terra, depois que várias famílias do Sítio Várzea do Cosmo tiveram suas terras inundadas pela construção da Barragem dos Algodões. Este fato conferiu aos moradores uma consciência política organizativa e de convivência com o semiárido.

A Agrovila está organizada através de uma estrutura de povoado formado por casas e quintais, além de outros espaços produtivos (roçados, pastos, etc) mais afastados e espalhados em uma área total de 460 hectares (SANTANA FILHO et al., 2012).

Os agricultores desenvolvem uma atividade agropecuária de baixos insumos. Nos roçados, que ficam um pouco mais distantes da vila, é cultivado feijão, milho, guandu, abóbora, melancia (comum e forrageira), fava, amendoim, palma, sorgo (granífero e forrageiro) etc. e é feita a criação de animais (caprino, ovino, bovino, cavalo, jumento e galinha de capoeira). Além disso, algumas famílias diversificam a produção com apicultura e o beneficiamento do mel.

Para produzir os agricultores desde o princípio tiveram que conviver com a irregularidade e escassez de chuvas e os solos rasos da região. Quando chegaram, as famílias encontraram a área desmatada e os solos compactados e pobres em matéria orgânica em decorrência das práticas anteriormente desenvolvidas. Ainda assim, as famílias continuaram a perpetuar este ciclo de desmatamentos, queimadas e uso de agrotóxicos. As famílias também sofriam muitos problemas de falta de acesso à água de qualidade para consumo humano e para uso na produção.

A partir de 1988 começaram a participar de um processo formativo para desenvolver práticas agroecológicas de manejo ecológico do solo, da água e da biodiversidade, com o intuito de buscar uma maior sustentabilidade da atividade produtiva. Essas ações foram promovidas por uma organização de assessoria, o Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas – Caatinga, à partir dos sistemas produtivos das famílias agricultoras.

Este artigo tem como objetivo analisar como e porque os quintais produtivos são considerados espaços educativos capazes de gerar novos conhecimentos, agregar novos valores e mudar comportamentos na relação com o ambiente pelas famílias agricultoras envolvidas. Tem também o objetivo de analisar a importância do quintal produtivo como espaço propício para desenvolver a Educação Contextualizada para a convivência com o semiárido, envolvendo crianças, jovens e adultos.

Foi feita uma análise sobre o processo de formação vivenciado por cinco famílias agricultoras que mantém quintais produtivos, levando em conta três dimensões: a educação informal, a não-formal e a formal.

A Educação Contextualizada é considerada uma das principais propostas defendidas pelos movimentos sociais que atuam no semiárido, realizando novas práticas educativas formais e na formação de lideranças comunitárias (SILVA, 2010). Esta proposta nasceu de diferentes experiências de educação escolar e não-escolar desenvolvidas por entidades da sociedade civil organizada e instituições públicas governamentais do semiárido brasileiro, com a missão de contribuir na formulação de políticas públicas educacionais, defendendo o direito de todos à educação pública, gratuita e de qualidade, orientada pelos princípios da convivência na perspectiva de construção de um projeto de desenvolvimento sustentável para a região.

Na Educação Contextualizada, parte-se da ideia de que a educação não acontece só na escola, mas também na educação informal e na não-formal, ou seja, em todos

os espaços, a partir do compartilhamento de saberes e troca de experiências entre as pessoas.

### **Metodologia**

Este artigo apresenta parte de um estudo de caso realizado junto a cinco quintais produtivos manejados por famílias agricultoras do semiárido pernambucano, na Agrovila Nova Esperança. O estudo iniciou com a realização de uma sistematização de experiência feita com estas famílias (SANTANA FILHO et al., 2012), feita no âmbito de uma especialização realizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco, intitulada “Convivência com o Semiárido na Perspectiva da Segurança e Soberania Alimentar e da Agroecologia”. Teve como base o resgate da história dos quintais produtivos e das experiências produtivas acumuladas e vivenciadas pelas famílias e a descrição dos quintais e das práticas agroecológicas ali desenvolvidas.

Este estudo foi realizado no âmbito de uma pesquisa participante, já que a pesquisadora e uma das autoras deste artigo, atuou neste processo também como educadora que desenvolve atividades de educação formal e não-formal na escola e comunidade estudada. Também foram realizadas entrevistas com informantes-chave, além de uma revisão bibliográfica sobre Educação Contextualizada.

### **Resultados e discussões**

Os cinco quintais produtivos estudados tem uma área que varia de 900m<sup>2</sup> a 2.560m<sup>2</sup>. Neles são mantidos sistemas de produção diversificados e adotadas práticas agroecológicas de manejo do solo, da água e da biodiversidade. Os Quintais Produtivos estudados têm uma rica agrobiodiversidade, principalmente vegetal, que foi introduzida pelas famílias a partir das práticas agroecológicas, podendo ter de 32 a 74 espécies diferentes de plantas. Alguns quintais tem até 3 espécies de animais domésticos e esta atividade ainda é incipiente.

Podemos destacar a importância dos quintais produtivos no que diz respeito à diversificação de culturas e a contribuição para a segurança alimentar das famílias. Para produzir nos quintais durante os longos períodos de estiagem, as famílias precisam de água conseguida nos reservatórios comunitários ou reservatórios particulares (cisternas, tanques, poços artesianos). Além disso, é necessário realizar práticas de manejo eficiente da água a ser usada na produção, como a irrigação por gotejamento, a cobertura morta, os camalhões ou leirões, a curva de nível e o aproveitamento da água servida. Associado a isso, são realizadas outras práticas agroecológicas de manejo do solo, como o traçado, a adubação orgânica, a adubação verde, a cobertura morta, os camalhões e a poda para produção de matéria orgânica. Estas práticas ajudam a melhorar a infiltração da água no solo e a mantê-la por mais tempo no sistema, como também na conservação e o melhoramento dos solos em processo de degradação. O conjunto destas práticas compõe o repertório de atividades que organizam o que é chamado localmente de quintal produtivo.

## **Os quintais produtivos como espaços educativos**

Nos quintais da Agrovila as crianças e jovens iniciam um processo de socialização para a vida e para o trabalho. Por ser próximo da casa, as tarefas são mais bem distribuídas e todas as pessoas vivenciam o processo. É onde os adultos experimentam as novidades apreendidas no dia-a-dia da atividade produtiva e é onde acontece a interação de toda a família nas discussões, decisões, planejamento e no compartilhamento das dificuldades relacionadas à escassez de água, perda de produtos e as demais questões relativas ao manejo do quintal. Além disso, é no quintal onde a família compartilha histórias de vida.

Tal como observou CRUZ (2009) em outra realidade, na Agrovila estudada a socialização dos mais novos envolve todos os integrantes da família e está intimamente ligada a um importante e complexo conjunto de estratégias educativas que ocorrem no interior da unidade familiar, possibilitado a disseminação dos valores nos quais os pais acreditam, através de ações diretamente voltadas ao trabalho e às experiências cotidianas.

Com a experiência desenvolvida nos quintais produtivos as crianças e jovens começam a ter logo cedo uma relação direta com a terra e as atividades agrícolas, oportunizando maior conhecimento, valorização e aceitação da sua identidade como filho de agricultor e uma maior sensibilidade para a percepção dos problemas ambientais e sua resolução. Além disso, as crianças aprendem com a família e socializam os conhecimentos na escola.

Nos quintais produtivos os agricultores também experimentam os novos valores e conhecimentos apreendidos através de vários processos de educação não-formal. Essas atividades partiram da ideia de transformar os quintais convencionais das famílias agricultoras em espaços agradáveis e produtivos, com uma diversidade de culturas alimentares, medicinais, ornamentais e ainda, a criação de pequenos animais domésticos, contribuindo para a segurança alimentar das famílias, em todas as épocas do ano.

A educação não-formal se dá nas atividades de formação agroecológica (cursos, oficinas, seminários e intercâmbios), quando as famílias passaram a desenvolver práticas agroecológicas antes eram desconhecidas. Também se dá nos mutirões, na divulgação da experiência para outras famílias na comunidade e região e no estudo sobre temas como irrigação, práticas de manejo do solo e a problemática de escassez de água para a produção.

Na Agrovila existe uma escola municipal dedicada ao ensino fundamental do 1º ao 5º ano – Escola Municipal Maria do Socorro Rocha de Castro que, desde 2004, está envolvida no projeto de Educação Contextualizada assessorado pelo Caatinga.

A educação formal contextualizada começa a ser trabalhada na escola com uma turma multisseriada de crianças do ensino fundamental e a educação infantil de crianças que ainda não são matriculadas. Os conteúdos são contextualizados de acordo com a realidade do semiárido e são trabalhados de forma prática. Alguns conteúdos dos livros didáticos são trabalhados na teoria e na prática, principalmente

aqueles relacionados ao meio ambiente, podendo ser aplicados na área da escola, nas áreas das famílias e na área comunitária existente na Agrovila.

A escola mantém uma área considerada um “quintal produtivo”, que é um sistema agroflorestal (SAF), onde são realizadas atividades de educação formal e não-formal. Vários conteúdos trabalhados neste espaço com as crianças se relacionam com os conteúdos previstos no currículo escolar. Este quintal produtivo escolar também foi motivador da realização de reuniões, intercâmbios internos e externos, seminários, cursos, mutirões, oficinas, sistematização e apresentação de experiências, intercâmbio com quintais produtivos da comunidade e assessoria em feiras agroecológicas. A implantação do SAF motivou as crianças e seus familiares a participarem diretamente do processo educativo e a praticarem em suas casas.

### **Conclusões**

Este trabalho indicou que os quintais produtivos da Agrovila Nova Esperança podem ser considerados espaços educativos onde são gerados novos conhecimentos e novos valores para a mudança de comportamentos entre as crianças, jovens e adultos, agricultores e técnicos, tanto da comunidade, como de outras regiões. Com a pesquisa, percebeu-se que os agricultores conheceram e experimentaram práticas produtivas antes desconhecidas, que trazem em si os princípios da Agroecologia e da convivência com o semiárido. Essas práticas foram incorporadas aos quintais e aos demais sistemas produtivos.

Orientar o trabalho de agricultura de base ecológica nos quintais produtivos pelos princípios da Agroecologia pode ser motivador para o fortalecimento das relações entre as pessoas e o ambiente a partir de uma produção diversificada em uma pequena área de terra em condições de semiaridez, ajudando a produzir alimentos de forma mais sustentável. As famílias agricultoras passaram a diminuir o desmatamento, as queimadas e os monocultivos, a ter cuidado com o lixo e a realizar o manejo da fertilidade e da água no solo e a não usar agrotóxicos.

Percebeu-se também que existe um potencial para influenciar nas políticas públicas que incentivem a convivência com o semiárido. No entanto, ainda faltam maiores investimentos para superar os problemas de armazenamento da água para a produção, para que as famílias possam desenvolver as atividades produtivas durante todo o ano.

### **Referências bibliográficas:**

CRUZ, C. R. F. **Família e escola de ensino médio em meio rural no interior da Amazônia: qual a relação com o trabalho?** In Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. p. 1920-1935.

SANTANA FILHO, A.; OLIVEIRA, I. de J.; DELMONDES, J. A. dos S. et al. **Os quintais produtivos da Agrovila Nova Esperança, Ouricuri, Sertão do Araripe, Pernambuco.** Agosto 2011 a Março de 2012. 53 p. (Sistematização Coletiva de Experiências - Especialização) – Curso de Especialização *Latu Sensu* em Segurança e Soberania Alimentar no Semiárido na Perspectiva da Agroecologia,

Convivência com o Semiárido na Perspectiva da Segurança e Soberania Alimentar e da Agroecologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco/Departamento de Educação/Departamento de Ciências Domésticas, UFRPE, Recife/PE, 2012.

SILVA, R. M. A. da. **Concepções de desenvolvimento: convivência e sustentabilidade no semiárido brasileiro.** In SILVA, C. de M. de S. et al. Semiárido Piauiense: Educação e Contexto. Campina Grande: INSA, 2010, p. 76.